

Biblioteca infantil *

Children's Library

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA**

Relata a experiência positiva da Biblioteca Infantil de Clamart, na França mostrando sua filosofia e atividades marcadas pelo prazer. Mostra as características importantes dos bibliotecários: disponibilidade, atuação, real conhecimento dos interesses infantis da produção editorial destinada ao público infantil. A biblioteca funciona como centro de pesquisa e de documentação, dando ênfase à crítica da literatura infantil com a colaboração de grupos regionais em vários pontos do país, contribuindo para melhorar o acervo das bibliotecas, o nível das obras publicadas. Organiza seminários, cursos, estágios, hora do conto, desenho, etc. Seu valor consiste na visão exata da finalidade do livro e do adequado relacionamento entre o bibliotecário e a criança.

Gostaria, antes de mais nada, de agradecer aos organizadores deste Congresso pela oportunidade de voltar a Curitiba e entrar um pouco nesta seara que não é propriamente a minha: a Biblioteca Infantil.

* Trabalho apresentado no 10.º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Curitiba, de 23 a 27 de julho de 1979.

** Professor do Curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas da Escola de Biblioteconomia da UFMG e da Faculdade de Letras da UFMG.

Se me animo a falar a vocês é precisamente porque o acesso ao livro, a estimulação de leitura (e, portanto, a biblioteca Infantil) não me parecem problemas fundamentalmente biblioteconômicos ou "magisteriais", mas uma questão educacional. E essa questão me diz respeito.

Por isso mesmo, gostaria que, ao final, não estivesse falando sobre bibliotecas exclusivamente organizadas para crianças, mas sobre qualquer uma (escolar, pública) que tenha uma seção infantil. Mais adiante, acredito, minha posição se justificará.

[E na biblioteca infantil interessa-me especialmente a leitura recreativa.] Explico-me. O atendimento ao usuário no tocante à informação vem se fazendo de modo mais satisfatório do que com relação à leitura de lazer. Essa situação na biblioteca, aliás, apenas reflete e reforça a posição da escola com relação à leitura. Além disso, meu interesse maior pela leitura recreativa aqui explica-se pelo fato de que o gosto ou o hábito de informar-se (baseado ou não na necessidade imediata e profissional) pode desenvolver-se ao longo da vida, ainda que com mais dificuldades, enquanto o hábito da leitura de lazer se forma até treze anos.] Enfim, a literatura leva à leitura informativa, mas → o contrário não se dá obrigatoriamente.

A escola é dominada pela preocupação de obrigar todas as crianças a lerem, como se literatura não fosse, como qualquer arte, uma inarredável opção pessoal. Assim, ainda que na escola (como, aliás, na família) os adultos não leiam, professores, diretores e bibliotecários fazem da leitura uma atividade imposta, com cobranças absurdas, ocasionando apenas o afastamento das crianças do livro.]

→ Se não lê, por que o adulto, especialmente o educador, quer exigir leitura da criança?

Em geral, de um lado, se desconhecem as artes e suas verdadeiras finalidades. De outro, se desconhece a importância do lazer, não só como necessidade vital do homem, mas também as extraordinárias possibilidades do lazer enquanto forma de crescimento pessoal, de desenvolvimento coletivo e mesmo de reivindicação social.]

O livro literário não cumpre na escola função de lazer: na realidade, o adulto o utiliza como instrumento de instrução, como mais uma fonte do conhecimento, com atividades sobretudo na área cognitiva. A criança deve ler sobretudo porque no livro ela **aprende** novos dados, se informa melhor. É um "sacrifício" que a criança deve fazer para se tornar sabida e ter o privilégio de, quando adulto, poder deixar de ler (e também poder exigir das crianças que elas leiam...).

Não é mais do que uma faceta da questão a famosa "mania pela pesquisa", que atordoia o bibliotecário: o aluno o procura para "fazer uma pesquisa", que consiste em copiar sem discernimento as palavras de enciclopédias e outros livros.

Inscrições como "Não me manuseies por simples distração" foram encontradas em bibliotecas. As atividades obrigatórias, sobretudo visando a "comportamentos terminais", e não o **processo** da leitura são marcantes na escola.

Assim, é comum que escola e biblioteca tenham uma visão distorcida da literatura, portanto, da literatura infanto-juvenil. Na biblioteconomia, é grande atual-

mente o interesse pelo usuário; contudo, o usuário infantil, com suas características e leitura próprias, não tem sido enfatizado, pelo menos a nível de graduação.

É comum que o acaso leve o bibliotecário a trabalhar numa seção infantil, sem que isso o interesse verdadeiramente. Para as bibliotecas escolares, muitas vezes são "preparados" bastante rapidamente para a função professores interessados em deixar a regência de classe.

O bibliotecário, assim, não tem nenhuma ou quase nenhuma preparação sobre arte, nada conhece sobre literatura infantil, não se interessa especialmente por crianças e não se sente comprometido com a educação delas.

Na verdade, a Literatura Infantil e Juvenil interessa de perto aos cursos de Pedagogia, Letras e Biblioteconomia. No entanto, contam-se, talvez nos dedos de uma das mãos, as universidades brasileiras preocupadas com a questão.

Isso, evidentemente, não pode deixar-nos muito animados com relação à biblioteca infantil.

Contudo, há excelentes trabalhos em desenvolvimento no Brasil, com relação à tentativa de aproximar criança e livro. Há experiências importantes no Rio Grande do Sul. Em São Paulo, são de grande interesse as atividades da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato e o programa Biblioteca-Escola. Há em Minas Gerais o trabalho de reorganização da Biblioteca Pública e a experiência, ao que tudo indica, vitoriosa, das bibliotecas comunitárias. Espero que neste Congresso vocês

tenham oportunidade de ouvir pessoas ligadas a todas essas experiências.

Mas quando os organizadores deste Congresso me chamaram para falar aqui pretendiam que eu apresentasse a experiência da Biblioteca Infantil de Clamart, França: "La joie par les livres".

Não nos agrada trazer exemplos de fora do Brasil, de países com um passado cultural e uma situação sócio-econômica diferentes dos nossos. Nossa reserva, contudo, não nos preocupa com relação à Biblioteca de Clamart. Essa Biblioteca, funcionando desde 1965, está situada num subúrbio muito pobre de Paris. Sua população adulta trabalha em dois horários, ficando suas crianças, em grande número lá, sem assistência familiar. Tal situação aproxima-se muito da que vivemos no Brasil.

Na Biblioteca de Clamart não nos interessa sua belíssima arquitetura, arredondada e baixa (em oposição aos prédios que a cercam), em nove cilindros irregulares em dimensão e altura e "encaixados" uns nos outros, ocupando tudo 1.150m²: 550m² de biblioteca e 600m² de jardins e terraços. Nem mesmo interessam-nos seus 15.000 volumes. Interessa-nos, sim, a filosofia da biblioteca; interessa-nos algumas de suas atividades, porque isso pode ser aproveitado em qualquer lugar do mundo, mesmo sem gastos. Porque filosofia e atividades dependem, fundamentalmente, de gente, de mentalidade. E acredito que o começo de toda transformação está aí.

A filosofia da biblioteca está evidenciada em seu nome: "A alegria pelos Livros". Realmente, nela nada

há de constrangedor ou desagradável para a criança. A tentativa é fazer da biblioteca uma experiência positiva marcada pelo prazer.

Ela atende um público de quatro a quatorze anos, embora adultos gostem de freqüentá-la e de participar de algumas de suas atividades.

À entrada, há escaninhos onde os meninos colocam seus objetos pessoais, inclusive sapatos! Mobiliário alegre e adequado a vários tamanhos de freqüentadores aparecem, ao lado de tapetes e almofadões, onde as crianças se sentam ou deitam à vontade.

As crianças se consideram "donos" desse ambiente porque realmente ajudam na administração da biblioteca, e são incentivados a ajudar os meninos menores no contato com o ambiente e o livro.

Essa desconcentração de ambiente, que não tem nada a ver com indisciplina e desarrumação, existe na atitude de seus bibliotecários. Sua primeira característica é a disponibilidade: a todo momento percorrem as estantes com as crianças, discutem obras, ajudam na escolha da leitura. Seu tempo é quase todo dedicado ao atendimento da criança.

Ao lado da disponibilidade, há outras características importantes: os bibliotecários acreditam no que fazem, e sua atuação é marcada pelo real conhecimento da criança, da obra e pelo contato constante com todos os interessados na educação da infância e na produção editorial destinada ao público infantil.

A biblioteca é também centro de documentação e de pesquisa. Toda a produção editorial para crianças lhe é enviada. E os livros são examinados, testados

com os meninos. Análise críticas são publicadas, em seguida, pelo Centro, de modo a ajudar pais, professores, livreiros e outras bibliotecas.]

Esse Centro de Documentação dá especialmente importância ao trabalho de crítica de obras, desenvolvido por grupos regionais, em diversos pontos do País, e em grande consonância com o Centro.

Esse trabalho tem dado um resultado altamente positivo: fez melhorar não só, o acervo das bibliotecas como também o próprio nível das obras publicadas. Autores e editores vão aí discutir com as crianças seus originais.

A biblioteca organiza desde 1969 seminários, cursos e estágios, para os quais recebe pessoas dos mais diversos países.

Outra atividade importante que ela desenvolve é a gráfica, utilizada pelas próprias crianças.

Mas o ambiente mais frequentado da biblioteca é a sala dos contos, onde a bibliotecária conta histórias, depois recontadas pelas crianças, sob a forma de mímica ou de marionetes.

Uma experiência de Clamart que acreditamos importante relatar, sobretudo pela diferente posição que temos adotado no Brasil, é a seguinte: nos primeiros anos, seus quatro bibliotecários, entusiasmados e criativos, além de reforçados pelo evidente prazer das crianças, multiplicaram suas atividades: desenho, marionetes, pintura, etc. Eles perceberam, contudo, que tais

atividades ocupavam uma grande parte do tempo deles e das crianças, e que a leitura estava sendo colocada em segundo plano. A biblioteca estava tornando-se quase uma "creche".

Desde 1974, os bibliotecários deixaram de lado outras atividades, para dedicar grande parte de seu tempo na tentativa de facilitar o contato da criança com o livro.

Um dos expedientes de que lançam mão é o "empréstimo a domicílio". Se as crianças não vão à biblioteca, a biblioteca vai até as crianças (e adultos). Os bibliotecários, com obras interessantes arranjadas em cestos, vão para frente dos prédios e oferecem os livros para empréstimos, ou ali mesmo lêem para os pequenos.

Como vemos, as atividades em Clamart são até mais simples do que as pretendidas em muitas de nossas bibliotecas. Contudo, ela se destaca pela pesquisa constante, pela preocupação de repensar seus objetivos e atividades, pela troca de experiências. O grande valor dela consiste na visão exata da finalidade do livro, do adequado relacionamento entre bibliotecário e criança, no entusiasmo canalizado para atividades objetivas, simples, mas eficazes.

E essas características podem marcar a atividade do bibliotecário, na mais afastada cidadezinha brasileira. A eterna lamúria da falta de verbas, de espaço e limitação de acervo, apesar de referir-se a verdades, não é eficaz nem construtiva. Revela, parece-nos, sobretudo uma acomodação, uma forma de desculpa para nossa inatividade.

[Se não nos podem dar livros, espaços, mobiliários, etc., precisamos ter o que ninguém nos pode dar (e

que temos de cultivar por conta própria): abertura, atitude positiva para com a criança e o livro.

Finalmente, gostaria de apresentar-lhes uma das grandes lições que a biblioteca de Clamart me trouxe: quando Geneviève Patte, sua diretora, esteve conosco, perguntamos-lhe se, com tal liberdade, não enfrentava a biblioteca dificuldades com os "meninos-problema", aqueles de maus hábitos e costumes, que seriam, de algum modo, marginais.

A resposta da diretora dada com alguma emoção, foi a seguinte: **La joie par les livres** é uma biblioteca pública. Como tal, ela deve abrigar todo o povo, seja ele de que tipo for. Não rechaçamos jamais o "mau elemento". Ao contrário, procuramos conhecê-lo melhor, para ter como fazê-lo um elemento útil. Em geral, ele vem de família também problemática, também como ele com hábitos indesejáveis, ou com costumes e linguagem muito diferente dos outros. Para esses casos, convocamos estagiários que, por condições especiais de vida, tenham possibilidade de entender-se melhor, lingüística e socialmente, com essa criança. A partir desse contato, torna-se fácil um trabalho de orientação do menino. Tem ocorrido que crianças desse tipo se tornem atuantes e líderes excelentes de nossa biblioteca.

Creio que esse é o verdadeiro trabalho da biblioteca infantil: ajudar a criança a orientar-se na vida, de modo feliz e adequado.

Afinal, parece-me ser essa mesma a grande função do adulto encarregado de participar da vida da criança, seja através do livro, da música, do giz e saliva, ou do convívio familiar.

Discusses the important role of the children's library of Clamart, France, showing its philosophy and activities in which the goal is to provide pleasure. Shows the librarians' main characteristics: availability, performance, knowledge of children's interests and of children's literature. The library is a research and information center with a special interest in reviewing children's literature with cooperation of other regional groups. This contributes to the improvement of library collections and to the quality of the literature. The library also organizes seminars, courses and training for librarians and storytelling and drawing for children. Its importance is a consequence of its knowledge of the real value of books and of the appropriate relationship between librarian and child.